

Reflexões sobre o planejamento da Saúde - SUS

Eliana Verdade

A crescente importância de que é preciso conhecer para poder agir, constitui-se em elemento nuclear no desenvolvimento da avaliação em saúde, assim como da legitimidade de propostas de gestão da qualidade em serviços de saúde, e ainda de avaliação e desempenho de programas e sistemas de saúde.

Em síntese, o aprimoramento do desempenho do SUS Sistema Único de Saúde traz implícito basicamente, a necessidade de rearranjos organizacionais com foco numa gestão que priorize resultados, satisfação dos usuários e qualidade dos serviços prestados.

A busca pelo desempenho é um fenômeno mundial! Sem mostrar bom desempenho a legitimidade é questionada.

Com foco no almejado aprimoramento do sistema de saúde brasileiro há uma forte necessidade por ações voltadas para governança, organização e funcionamento do Setor Público em geral. Tais ações pautam-se em:

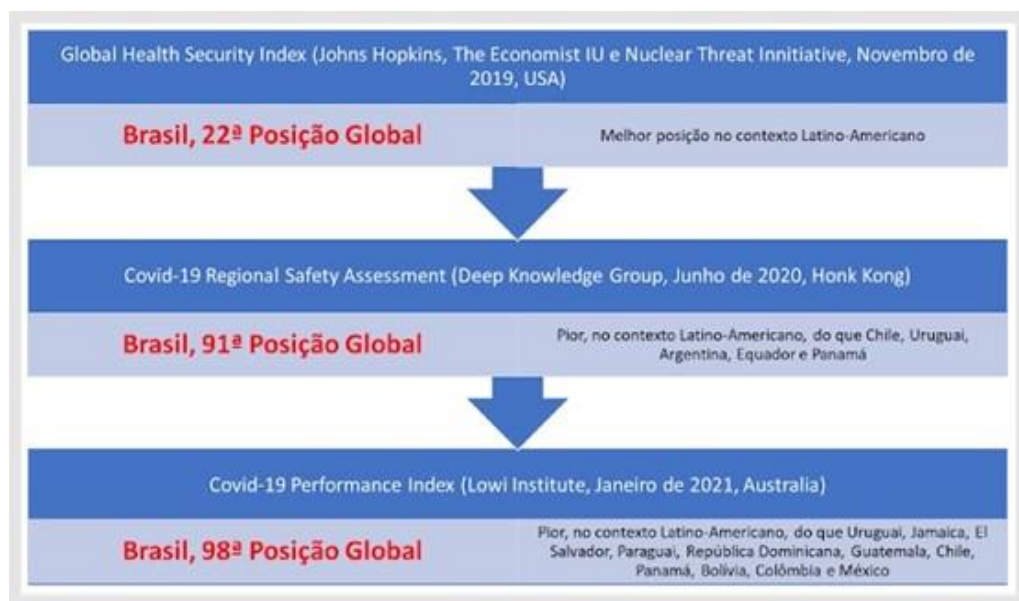
- Arranjos organizacionais que garantam às unidades níveis crescentes de independência e autoridade sobre os recursos, garantindo a perfeita calibragem de autonomia e capacidade administrativa.
- Sincronização e alinhamento dos processos de planejamento, orçamentação e gestão de informações.
- Vinculação do aumento de recursos a bom desempenho.
- Estabelecimento de sistemas robustos de monitoramento e avaliação.
- Fortalecimento e profissionalização da capacidade gerencial.

A metodologia de Planejamento do sistema de Saúde em condições de pandemia segue fluxos completamente diferentes daquela adotada em situações alheias ao contexto pandêmico.

Entretanto, conforme expressa Dr. André Médici, em fevereiro/2021 - <http://monitordesaude.blogspot.com/>, desde 2005, a Organização Mundial da Saúde liderou os compromissos internacionais que resultaram na adesão de 194 países ao Regulamento Sanitário Internacional, que define as regras básicas para a preparação dos países para emergências sanitárias e pandemias, destacando os compromissos internacionais das nações aderentes.

Nesse sentido, com 15 anos de defasagem, constata-se que a maioria dos países não estavam preparados para enfrentar pandemias como a do Covid-19.

Ao longo de 2020 o acompanhamento realizado por órgãos internacionais acerca do estado de preparação e a performance dos países em relação a pandemia do Covid-19 em vários momentos, conforme apresentado no blog acima expresso, mediante um conjunto de parâmetros quali-quantitativos de análise a posição do Brasil no ranking de preparação da *performance* da gestão pandêmica em 3 momentos



elaboração: André Medici

O objetivo do estudo realizado pelo DKG foi assentar as bases para discussão de como os governos poderiam otimizar sua performance durante a pandemia e alcançar melhores resultados no contexto pós-pandêmico, através do estabelecimento de planos de ação possíveis para manter a saúde e o bem-estar econômico de suas populações e reverter os danos colaterais causados pela pandemia do COVID-19.

As bases de avaliação pautaram-se em:

- Eficiência da quarentena
- Eficiência do governo na gestão do risco pandêmico
- Capacidade de Detecção e risco de casos
- Prontidão do sistema de saúde
- Resiliência pandêmica
- Preparação para emergências.

O quadro acima apresenta sinteticamente a sofrível performance do governo brasileiro no enfrentamento da pandemia, o que está relacionado com a lentidão em adotar medidas

de bloqueio e proteção pandêmica da população, com o argumento do governo de que isso prejudicaria a economia, demonstrando um total desconhecimento das orientações de organismos internacionais, como o FMI e o Banco Mundial. Como resultado, o país não só reduziu sua performance econômica (dado que a economia somente melhoraria se o risco pandêmico fosse controlado), mas experimentou, desde o final de maio de 2020, rápidos aumentos em suas taxas de infecção pandêmica, subindo no ranking mundial de países para a segunda pior posição no número de casos e mortes.

O Brasil, historicamente é um país que deteve uma capacidade razoável de vigilância epidemiológica em contextos passados, entretanto essa capacidade foi sendo progressivamente deteriorada ao longo dos últimos anos pela falta de financiamento e capacitação de quadros técnicos nas secretarias estaduais e municipais de saúde para o cumprimento destas finalidades.

O estudo de André Medici, o qual lastreia este artigo, aponta que as razões pelas quais o Brasil foi tão mal na performance pandêmica, os aspectos:

- Distanciamento social insipiente
- Obrigatoriedade do uso de máscaras pouco abrangente
- Baixa performance para identificação e rastreamento dos casos
- Falta de criação de barreiras sanitárias entre estados e cidades
- Deficiência no policiamento para evitar aglomeração e festividades em locais públicos
- Exiguidade de medidas de desinfecção em locais públicos de maior exposição ao vírus.
- Falta de equipamentos para os profissionais da saúde – EPI
- Falta de insumos e equipamentos para o tratamento
- Lentidão na compra de vacinas e insumos

Na verdade são muitos os motivos que fazem a performance da gestão pandêmica no Brasil ter atingido recordes de maus resultados, os quais são conhecidos e lamentados por todos, sendo certo que a pandemia continuará a trazer muitas lições para os brasileiros, as quais, se não aprendidas trarão consequências ainda mais amargas.

O atual governo, e parte substancial dos brasileiros, não tem a real dimensão da situação que o país se encontra no combate à pandemia. Especialmente pela prática negacionista das autoridades públicas, pelo desconhecimento dos caminhos que a sociedade global vai enveredar após a crise pandêmica, pela sua ampla complacência com interesses e práticas corruptas e pela sua estratégica equivocada de navegar contra um projeto de crescimento econômico sustentável, socialmente justo e globalmente integrado há forte indícios dos riscos que poderão ocorrer nos próximos anos.



Enfim, diante do propósito deste artigo – “Reflexões sobre o Planejamento da Saúde – SUS” pode-se afirmar que para a consolidação do Sistema Único de Saúde brasileiro os desafios a serem superados estão afetos à gestão para resultados, quais sejam :

- Autonomia organizacional
- Melhoramento e avaliação de impacto
- Vinculação de financiamento ao desempenho
- Planejamento, orçamento e informação orientados para o desempenho
- Simplificação das transferências federais
- Fortalecimento da capacidade gerencial

Qual seja, construir sistemas locais de saúde mais inclusivos e responsáveis pela melhoria da qualidade da atenção , o que, segundo Eugênio Villaça Mendes – um dos grandes pensadores do sistema de saúde brasileiro – pauta-se em alcançar maior eficiência e resolubilidade nas ações dos gestores e não em discursos populistas.